

## *Templates* silábicos no Português do Príncipe: processos em coda e ‘prevalência’ de sílabas CV

### *Syllable templates in Portuguese of Príncipe: processes in coda and ‘prevalence’ of CV syllables*

Amanda Macedo Balduino\*  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** Este artigo discute a silabificação no Português do Príncipe (PP), variedade da língua portuguesa falada em Santo Antônio do Príncipe, em São Tomé e Príncipe. Focaremos, para tanto, na coda. Apresentamos, inicialmente, os *templates* silábicos do PP, indicando os segmentos licenciados nos diferentes constituintes da sílaba. Após isso, fazemos o levantamento de alguns processos fonológicos, cujo domínio é a coda. Com base em um corpus de fala espontânea, verificamos que a coda, no PP, pode ser preenchida, com múltiplas realizações fonéticas de um rótico /r/, uma sibilante /S/, uma lateral /l/ ou mesmo abarcar uma nasal subespecificada /N/, da mesma forma que é previsto para outras variedades do português como a brasileira e a europeia. Processos fonológicos que têm a coda como domínio de aplicação e as consoantes /r/, /S/ e /l/ como alvo também foram observados: apagamentos, velarização, vocalização e posteriorização. O levantamento de tais fenômenos, no PP, corrobora uma concepção hierárquica para tratamento da estrutura silábica do PP e indica a atuação de duas trajetórias gramaticais paradoxais: a prevalência de sílabas CV fomentada por apagamentos e lenição segmentais, em que sílabas fechadas se adaptam em sílabas abertas, e a emergência de estruturas silábicas complexas, promovidas pela ressilabificação de /S/.

**Palavras-chave:** Português. Sílaba. Coda. Processos fonológicos. São Tomé e Príncipe.

**Abstract:** This article discuss syllabification in Portuguese of Príncipe (PP), variety of Portuguese spoken in Santo Antônio, in São Tomé and Príncipe. We will focus on coda. We present initially syllable templates in PP, indicating which segments are licensed in syllable constituents. After that, we survey some phonological processes implemented in coda. Based on a spontaneous speech corpus, we verified that coda constituent, in PP, can be filled with multiple phonetic realizations of a rhotic /r/, a sibilant /S/, a lateral /l/ or even a subspecified nasal /N/, similar to other Portuguese varieties such as Brazilian and European Portuguese. Phonological processes in coda domain and with /r/, /S/ and /l/ as targets, were also observed: deletion, velarization, vocalization and posteriorization. These phenomena, in PP, corroborate a hierarchical conception for syllable structure in PP, and indicate two grammatical and paradoxical trajectories: the prevalence of CV syllables fostered by segmental deletions and lenition, suggesting closed syllables adaptation into open syllables, and the emergence of complex structures, promoted by /S/ resyllabification.

FLP 22(2)

---

\* Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; amanda.m\_b@hotmail.com

**Keywords:** Portuguese. Syllable. Coda. Phonological processes. São Tomé and Príncipe.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta os *templates* silábicos no português urbano de Santo Antônio do Príncipe, doravante PP, tendo por foco a silabificação e o licenciamento consonantal das consoantes /r, S, l/ na coda<sup>1</sup>. Por ser um trabalho pioneiro<sup>2</sup>, propomos, inicialmente, um estudo de caráter descritivo que visa, sobretudo, contribuir com a documentação e o exame do sistema fonológico do PP. Além disso, discutimos processos fonológicos, como apagamentos e lenição (vocalização e posteriorização segmental), que, examinados em conjunto, fornecem evidências para a prevalência de sílabas abertas sobre sílabas fechadas no sistema fonológico em foco.

O PP é falado no Príncipe, uma ilha pertencente à República de São Tomé e Príncipe (STP), no Golfo da Guiné. Apesar de ser um país multilíngue, berço de três línguas autóctones ainda faladas no arquipélago, a saber, o santome, o lung'le e o angolar, em STP, o português é a língua materna, majoritária e, muitas vezes, única, de grande parte da população (Instituto Nacional de Estatística, 2011). Esta, não somente é a língua oficial de STP, como configura a língua mais prestigiosa do arquipélago, especialmente ao considerarmos a variedade europeia ainda disseminada pelos órgãos oficiais do país (Araujo; Agostinho, 2010, p. 50; Araujo, 2020, p. 175)<sup>3</sup>.

FLP 22(2)

Considerando o PP como uma variedade do português ainda pouco descrita, o intuito deste trabalho é discutir a sílaba do PP, focando na coda. Para tanto, não somente discriminamos os segmentos licenciados na coda, como também levantamos alguns processos fonológicos que têm como domínio a coda. Dessa forma, justificamos a presença de sílabas do tipo CVC no PP e descrevemos os *templates* silábicos que comportam a coda. Discutimos, por fim, duas trajetórias gramaticais paradoxais observadas no PP: a adaptação de sílabas CVC em sílabas CV, configurando o output de apagamentos e lenição segmentais, e, em contrapartida, a emergência de estruturas silábicas complexas, promovidas pela ressilabificação de /S/.

Este artigo está organizado em seis seções. Na seção 2, explicitamos, de modo geral, a ecologia linguística<sup>4</sup> na qual o PP está inserido. Por sua vez, na seção 3, caracterizamos o corpus empregado e definimos a metodologia de análise para, então, na seção 4, iniciarmos a discussão efetiva sobre a silabificação no PP. Os segmentos /l, S, r/ e os processos que têm tais segmentos como alvo serão tratados nas seções 4.1 (lateral); 4.2 (sibilante) e 4.3 (rótico). Já a seção 5 é destinada à discussão da atuação de duas trajetórias gramaticais paradoxais: a prevalência de sílabas CV fomentada por apagamentos e lenição segmentais, em que sílabas fechadas se adaptam em sílabas

<sup>1</sup> Para discussão da coda /N/ no PP e também no português falado na cidade de São Tomé, conferir Balduino (2018) e Araujo e Balduino (2019).

<sup>2</sup> Esse artigo constitui parte da pesquisa de doutorado em curso intitulada Processos Fonológicos no Português falado em São Tomé e Príncipe - FAPESP: 2017/26595-1.

<sup>3</sup> A norma padrão de São Tomé e Príncipe é ainda o português europeu (PE).

<sup>4</sup> Ecologia linguística configura à relação entre a língua e o meio ambiente no qual esta é falada e está inserida (cf. Couto, 2009).

abertas, e a emergência de estruturas silábicas complexas, promovidas pela ressilabificação de /S/. Por fim, as considerações finais são apresentadas na seção 6.

## 2 O PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E DE PRÍNCIPE

A República de São Tomé e Príncipe é um país africano cuja língua oficial é o português desde a constituição de 1975. Embora a língua portuguesa não seja a única falada em STP, esta se consolidou como a língua mais falada no arquipélago em agravo às línguas autóctones, cada vez menos faladas (Araujo, 2020, p. 175).

Nesse cenário, o PE é a norma do país e, por isso, é empregado em situações formais e disseminado pela escolarização e pela mídia. Até 1975, o *santome*, o *lung'le* e o *angolar* correspondiam às línguas maternas da maior parte da população (Bandeira, 2017, p. 101), todavia, no período pós-colonial, elas deixaram de ser transmitidas e o português passou a ser empregado pelos falantes (Balduino, 2018, p. 39). Em decorrência dessa alteração do foco na transmissão linguística, houve, possivelmente, um processo de nativização do português de STP, pelo qual a língua portuguesa, originalmente segunda língua (L2) da população, passou a ser adotada como língua materna (L1) (Gonçalves, 2010; Balduino, 2018; Araujo, 2020).

A transmissão linguística do português como L1 a partir de um input que configurava uma L2, conforme Lucchesi e Baxter (2009, p. 121), pode resultar em mudanças estruturais, já que dentro do processo de aprendizagem de segunda língua, é comum haver transferências linguísticas entre a língua materna do falante e a língua a ser adquirida. A esse respeito, Balduino (2018, p. 287) aponta a possibilidade de algumas características das línguas autóctones, na condição de L1, serem transportadas e empregadas no português L2. Essa variedade de português L2, posteriormente, era transmitida às gerações mais novas e adquirida como L1. Para a autora, esse processo, no próprio momento de transmissão linguística, já configuraria um fator de distanciamento entre as variedades de português faladas em STP e o PE.

Essa nova variedade do português, recém emergida no arquipélago, é também afetada por questões regionais, culturais e sociais que, com o tempo, afastam, ainda mais, o português falado em STP do PE, indicando a existência de variedades distintas do português. Essa hipótese é corroborada por estudos recentes que demonstram a existência tanto de características linguísticas compartilhadas com o PB e com o PE quanto comprovam a presença de traços estruturais inerentes a essa variedade (Gonçalves, 2010; Christofolletti, 2013; Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; Braga, 2018; Balduino, 2018, Vieira; Balduino, 2020; Balduino; Vieira; Freitas, 2020; Agostinho; Soares; Mendes, 2020; Santiago et al., no prelo).

Dessa forma, neste artigo, considerando o PP uma variedade legítima do português, a qual apresenta propriedades compartilhadas com o PB e com o PE, porém, como qualquer outra variedade, também possuidora de traços singulares, propomos uma descrição geral da sílaba do PP, focando o preenchimento consonantal da coda. Ademais, pretendemos fazer um levantamento de possíveis processos fonológicos engatilhados dentro do domínio analisado, contribuindo, então, com a descrição fonológica de uma variedade ainda pouco estudada do português.

### 3 CORPUS E METODOLOGIA

O corpus deste estudo é formado por entrevistas gravadas na cidade de Santo Antônio do Príncipe, capital da Ilha do Príncipe, durante 2016 e 2019. Seleccionamos 11 entrevistas, cada uma com duração de aproximadamente 60 minutos, porém descartamos os 15 primeiros minutos<sup>5</sup> para análise dos dados. As entrevistas foram realizadas com mulheres e homens entre 22 e 50 anos. Todos os falantes que participaram das entrevistas eram naturais da Ilha do Príncipe e tinham o português como L1. Os dados foram coletados de modo aleatório, oferecendo uma amostra ampla da comunidade linguística investigada. Entre os falantes, há diversidade em relação à escolaridade bem como à idade. É preciso salientar, portanto, que tal heterogeneidade, embora diversifique os dados examinados, pode influenciar os resultados da descrição aqui proposta, uma vez que variáveis independentes sociais, como sexo, idade e escolaridade, podem ser relevantes para explanação dos fenômenos aqui levantados. Todavia, como o propósito deste trabalho é, justamente, descrever e discutir o *template* silábico do PP, examinando o mapeamento dos segmentos e os processos observáveis na coda, não nos valeremos de uma abordagem sociolinguística<sup>6</sup>.

O levantamento dos processos identificados será apresentado, quando pertinente, em tabelas de frequência e de proporção. Sendo assim, não adotamos métodos estatísticos inferenciais neste estudo, porém ressaltamos a importância de examinar, em trabalhos futuros, os fenômenos aqui levantados, considerando modelos de regressão logística que permitam avaliar a ação de diferentes variáveis linguísticas e sociais sobre eles.

A partir da análise acústica (Boersma; Weeninck, 2018) do espectro das 11 entrevistas, separamos em arquivos de áudio individuais todas as ocorrências das palavras com coda /r, S, l/, sendo esses *tokens*, concomitantemente, tabelados. Esse método tem como propósito registrar as possíveis realizações de um mesmo item lexical, posto que um mesmo falante pode pronunciar uma mesma palavra de formas distintas. No total, contabilizamos 3.990 ocorrências, sendo 1.784 para /r/, 1.469 para /S/ e 737 para /l/. Embora as ocorrências selecionadas pudessem conter o rótico, a sibilante ou a lateral na coda, outras estruturas silábicas também puderam ser levantadas para descrição dos *templates* silábicos previstos no PP. A relação entre ocorrências e número de palavras examinadas pode ser verificada na tabela 1.

---

<sup>5</sup> O descarte dos primeiros 15 minutos configura uma estratégia para limitarmos o paradoxo do observador, visto que, durante o início das gravações, é comum que o falante esteja mais consciente do gravador e tenda a uma fala mais automonitorada.

<sup>6</sup> Este tópico poderá ser explorado em pesquisas futuras, considerando, inclusive, o contato com variável a ser testada.

Tabela 1 – Relação entre ocorrências e número de palavras analisadas.

<i>Coda</i>	<i>Número de Palavras</i>	<i>Número de Ocorrências</i>
/r/	646	1.784
/S/	532	1.469
/l/	231	737

Fonte: Elaboração própria.

Nas seções a seguir, apresentamos os resultados da análise dos dados. Primeiramente, demarcamos, com base no corpus, a constituição consonantal da coda em PP e, posteriormente, sugerimos uma caracterização geral, tanto fonológica, como fonética, de /l, S, r/ nessa posição, examinando, paralelamente, alguns processos fonológicos como o apagamento segmental de /l, S, r/, velarização de /l/, vocalização de /l, r/ e posteriorização de /r/, interpretados como processos de lenição (Lass, 1984; Bauer, 2008). Para tanto, nos apoiamos no modelo teórico da fonologia autosegmental (Goldsmith, 1990), bem como na literatura dedicada à descrição silábica do PB e do PE (Câmara Jr. 1970; Bisol, 1999; Mateus; d'Andrade, 2000; entre outros), utilizada para fins comparativos.

#### 4 A SÍLABA NO PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE

FLP 22(2)

A sílaba no PP, assim como no PST (Vieira; Balduino, 2020), é formada, hierarquicamente, pelos seguintes constituintes: *onset* (O) e rima (R), a qual se subdivide em núcleo (Nu) e coda (Co) (Selkik, 1982; Blevins, 1995)<sup>7</sup>. Com base no corpus formado por 3.990 ocorrências e considerando os trabalhos de Balduino (2019), Balduino e Vieira (2020), Vieira e Balduino (2020) e Balduino, Vieira e Freitas (2020), estabelecemos, no quadro 1, os *templates* silábicos observados no PP. As estruturas que compuseram as 3.990 ocorrências do corpus examinado estão destacadas.

Quadro 1 – Moldes silábicos do PP.

<i>Template</i>	Descrição Fonética	Item
V	[ 'a]	há
VG	[ 'oɨ]	oi
GV	[ɨo.gur.tɨ]	iogurte
CV	[ 'pa]	pá
CVG	[ 'paɨ]	pai
CGV	[di.sɨo.'na.ʁo]	dicionário
<b>CVGC</b>	<b>[ 'maɨs]</b>	<b>mais</b>
<b>CGVC</b>	<b>[ 'kɔaɨkɛ]</b>	<b>qualquer</b>

<sup>7</sup> Há diferentes propostas de estrutura representacional da sílaba. Na proposta empregada neste artigo, a representação arbórea da sílaba adota uma estrutura hierárquica interna para a sílaba, sendo essa hierarquia formada por *Onset* (consoante(s) à esquerda do núcleo); Núcleo (pico sonoro da sílaba que corresponde, em geral, a vogais); Coda (consoante à direita) ( Selkirk, 1992; Bisol, 1999). Não discutiremos, neste artigo, o estatuto silábico dos *glides*.

<b>CVC</b>	<b>['maʎ]</b>	<b>mal</b>
<b>CVCC</b>	<b>['bõʃ]</b>	<b>bons</b>
CCV	['prɔʃ.pi.rɔ]	próspero
CCVG	['traɪ]	trai
<b>CCVC</b>	<b>['traʃ]</b>	<b>traz</b>
CCVCC	[trẽʃ.'pɔr.ti]	transporte

Fonte: Elaboração própria.

Como apresentado no quadro 1, observamos as seguintes estruturas nos dados analisados: V, VG, GV, CV, VC, CVG, CGV, CVGC, CGVC, CVC, CVCC, CCV, CCVG, CCVC e CCVCC. Como no PB e no PE, os padrões silábicos do PP são diversos (Blevins, 1995, p. 206), havendo sílabas abertas (findas por vogais e *glides*) e fechadas (findas por consoantes), sem *onsets* (V, VG, GV, VC), com *onsets* simples (CV, CVC, CVCC) ou complexos (CCV, CCVG, CCVC e CCVCC). Esses *templates* comportam diferentes segmentos, uma vez que a estrutura silábica possui restrições internas. Não nos ateremos aos *glides* ou às estruturas silábicas que comportam *glides* na silabificação, posto que a discussão do estatuto dos ditongos na língua portuguesa é complexa e não compõe um de nossos objetivos para este estudo (conferir Christofolletti, 2013; Christofolletti; Araujo, 2018 sobre o ditongo no PST), porém, assim como Christofolletti (2013) para o PST, assumimos, neste trabalho, sílabas terminadas em *glide* como sílabas abertas.

À semelhança do PB e do PE, no núcleo (V), pode ser verificada qualquer uma das sete vogais orais do português /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ ou qualquer uma das cinco vogais nasalizadas [ĩ, ê, õ, õ̃, ũ]. As realizações dessas vogais estão submetidas a restrições de caráter prosódico, pois, no PP, variam conforme a posição do acento lexical (Santiago et al., no prelo). A realização no núcleo é obrigatória no PP, no entanto, processos de enfraquecimentos e, até mesmo, apagamentos vocálicos, são verificados nessa variedade, alterando algumas estruturas silábicas que perdem o núcleo e têm os demais constituintes ressilabificados. Como output, novas estruturas são criadas.

As consoantes, por seu turno, ocupam constituintes periféricos das sílabas, *onsets* e codas. Nesses casos, também são observadas restrições internas que determinam quais consoantes são licenciadas em determinados constituintes. Enquanto a maior parte das consoantes do quadro consonantal do PP /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, r, m, n, l, ɲ, ʎ/ pode ocorrer como *onset* simples, estando /ɲ, ʎ/ restritos ao meio da palavra, nem todos os segmentos consonantais são licenciados em *clusters* consonantais ou mesmo em coda. No quadro 2, discriminamos os segmentos licenciados conforme a posição silábica<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> O rótico, em coda ou em *onset*, simples e complexo, foi realizado ora como [r], ora como [ʀ], nos dados investigados.

Quadro 2 – Moldes silábicos do PP: segmentos licenciados.

Núcleo	Onset	Simplex	Coda	Clusters
/i/ [i.ɫɐ]	/p/	[pa.sɐ]	/N/ [kɛ̃.tɔ]	/pr/ [pɾe.tɔ]
/e/ [se.dɔ]	/b/	[bo.kɐ]	/r/ [laɾ]	/pl/ [pla.ne.tɐ]
/ɛ/ [pɛ]	/t/	[te.mɐ]	/S/ [maʃ]	/br/ [bɾa.ziʃ]
/a/ [pa]	/d/	[da.mɐ]	/l/ [maʃ]	/bl/ [blo.kɔ]
/ɔ/ [pɔ]	/k/	[ka.sɐ]		/tr/ [tɾa.tɔ]
/o/ [ɔ.vɔ]	/g/	[za.kɐ]		/tl/ [a.tɫe.ti.kɔ]
/u/ [u.vɐ]	/f/	[fa.tɔ]		/dr/ [kwa.dɾɔ]
	/v/	[va.zɔ]		/kr/ [kɾi.ɛ.sɐ]
	/s/	[sa.kɐ]		/kl/ [si.klo]
	/z/	[zo.nɐ]		/gl/ [glo.bɔ]
	/ʃ/	[ʃa.tɔ]		/gr/ [gɾa.tɔ]
	/ʒ/	[za.kɐ]		/fr/ [fɾa.kɔ]
	/r/	[ra.tɔ]		/fl/ [flo.kɐ]
	/m/	[ma.tɔ]		/vr/ [li.vɾi]
	/n/	[na.dɔ]		/vl/
	/ɲ/	[bɛ̃.ɲɔ]		
	/l/	[la.dɔ]		
	/ʎ/	[i.ʎɐ]		

Fonte: Elaboração própria.

FLP 22(2)

Para a coda, consideramos /N/ e /S/ como arquifonemas. Isso se deve ao fato de o ponto de articulação ou o vozeamento de tais consoantes ser estabelecido em decorrência da consoante seguinte. A fricativa /S/, por exemplo, pode ser produzida como [s] ~ [ʃ] e [z] ~ [ʒ], a depender do vozeamento da consoante seguinte: ca[ʃ]ca X ra[ʒ]ga. Já a nasal /N/, além de poder ser apagada da coda, solução mais comum, pode ser produzida como [n], [m] ou [ɲ], concordando com a consoante heterossilábica à direita: ca[n]to, ca[m]po, sa[ɲ]gue. Seja no caso de /S/, ou de /N/, há, como pode ser observado no quadro 2, segmentos fricativos e nasais licenciados no *onset* que mantém os contrastes fonêmicos entre [s] X [ʃ] X [z] X [ʒ] e [m] X [n] X [ɲ]. Para o rótico, de outro modo, isso não pode ser sustentado, visto que não há relação de alofonia entre as realizações de rótico, mas sim uma alternância em variação livre que pode ser regida por variáveis sociais como a idade, sendo indicativo de mudança (Bouchard 2017, p. 308). Logo, se não há oposição em outros contextos, não há arquifonema.

Além de indicar quais os segmentos licenciados no núcleo, nos *onsets* simples, na coda e nos *clusters* consonantais, o quadro 2 oferece algumas possibilidades de transcrições fonéticas para as palavras observadas nos dados de fala espontânea. As formas apresentadas correspondem, todavia, a apenas uma das diversas opções correntes no PP, na medida em que, nesta variedade, são observados diversos alofones resultantes de diferentes fenômenos fonológicos ou mesmo de processos de mudança

linguística em curso (Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; Agostinho; Soares; Mendes, 2020)<sup>9</sup>.

Ainda tendo em vista o quadro 2, podemos observar que os segmentos identificados na coda do PP - /N, r, S, l/ - são licenciados também no *onset* simples. Em relação ao *onset* complexo, ou *clusters* consonantais, atestamos /r/ e /l/ como consoantes possíveis na posição de C<sub>2</sub> de uma estrutura C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V. Sabendo que o número de consoantes em coda, e mesmo em C<sub>2</sub> de um *onset* complexo, é muito menor em relação ao *onset* simples, assumimos que os segmentos em coda formam um subconjunto da posição de ataque simples no PP (Balduino, 2019, p. 25-26). De acordo com a teoria autosegmental da sílaba, a coda licencia menos contrastes do que o *onset*, justamente por ser um licenciador secundário, sendo silabificado apenas depois da silabificação do núcleo e do *onset* simples (Goldsmith, 1990, p. 123).

Ao analisar os padrões de silabificação das línguas naturais, autores como Selkirk (1982), Goldsmith (1990) e Clements (1990) pontuam que a atribuição dos segmentos às posições silábicas obedece a princípios universais de silabificação. O Princípio de Sequência de Sonoridade (Clements, 1990, p. 123-124), por exemplo, prediz que os segmentos mais sonoros estão mais próximos ao núcleo, atingindo o pico de sonoridade neste. Esse Princípio, a priori, dá conta da silabificação dos núcleos em PP, sempre ocupados por vogais, bem como de sílabas que não demonstram *clusters* consonantais. Dessa forma, em sílabas CV temos, no geral, um crescendo de sonoridade em direção ao núcleo: C<sub>[líquidas/nasais/obstruintes]</sub> > V<sub>[vogais]</sub>, ao passo que, em sílabas (C)VC observamos, ao contrário, uma queda de sonoridade a partir do núcleo: V<sub>[vogais]</sub> > C<sub>[líquidas/nasais/sibilante]</sub>. No entanto, ao considerarmos os *clusters* do PP, notamos que tal Princípio nem sempre é obedecido, visto que, distintamente do PB e do PE, o Princípio de Sonoridade não explana a ordem assumida por C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub> em *onsets* complexos do PP. Enquanto nas variedades brasileira e europeia do português, C<sub>1</sub> equivale a uma obstruinte [p, b, t, d, k, g, f, v] e C<sub>2</sub> corresponde, obrigatoriamente, a uma líquida [r, l], portanto, obstruinte > líquida > vogal, no PP, C<sub>2</sub> pode ser realizada como uma líquida [r, l] ou ainda como uma obstruinte [ʁ], como em *fraco* [ˈfɾa.ku], caracterizando a sequência de obstruintes como *cluster* (cf. seção 4.3 deste artigo).

Ainda de acordo com princípios universais de silabificação, Selkirk (1982, p. 45) indica que, respeitando o Princípio de Sequência de Sonoridade, o *onset* é desenvolvido antes da formação da coda, mediante a atuação do Princípio de Maximização do Ataque. Sob essa perspectiva, no processo de silabificação do português, após a formação do núcleo, teríamos o mapeamento dos segmentos à esquerda, e, portanto, o estabelecimento do *onset*, e, somente após isso, a silabificação da coda, respeitando a seguinte ordem: núcleo > *onset* simples > coda (Bisol, 1999, p. 702). Como consequência desse processo, além de estar na fronteira mais à direita da sílaba, a coda seria mais suscetível a alterações e mesmo a apagamentos. De fato, muitos são os estudos que corroboram a debilidade da coda no PE (Brandão; Mota; Cunha, 2003; Rodrigues, 2012) e, especialmente, no PB (Callou, 1987; Hora; Pedrosa; Cardoso, 2010). Para as variedades de STP, Balduino (2019) indica essa tendência no PP e Bouchard (2017) e Brandão et al. (2017), no PST, e Balduino (2018) e Balduino, Vieira e Freitas (2020), ao contrastar o PST e o PP.

<sup>9</sup> [r] ~ [ʁ] ~ [r̥] ~ [h] ~ [x] ~ [R] que alternam em todos os contextos silábicos (Agostinho, 2016; Agostinho; Soares; Mendes, 2020).



Tendo como foco, de agora em diante, a coda, observamos que tal constituinte é preenchido por /r, S, l, N/ (Balduino, 2019, p. 29). Similarmente ao PB, ao PE e ao PST, com exceção de /S/, todas as consoantes identificadas na coda silábica do PP são [+soantes], totalizando quatro segmentos fonológicos distintos. Como supracitado, foram constatadas diferentes realizações fonéticas na coda, havendo variação em relação ao ponto de articulação e ao vozeamento de tais consoantes. A coda /N/, por exemplo, embora não abarcada neste estudo (Balduino, 2018; Araujo; Balduino, 2019), nasaliza a vogal contígua à esquerda e, após isso, pode ser elidida. Esse processo altera a estrutura silábica que, de um *template* fechado, passa a ser realizado como aberto. Assumindo, então, a hipótese de que possa haver processos fonológicos na coda do PP que sugiram uma trajetória de adaptação de sílabas fechadas em sílabas abertas, semelhantemente ao que ocorre em PB (Silva, 2016), dedicamos as seções seguintes à discussão de fenômenos que atingem a lateral (seção 4.1), a sibilante (seção 4.2) e o rótico (seção 4.3) em coda silábica no PP.

#### 4.1 A lateral /l/ na coda

A lateral /l/, quando em coda, pode ser velarizada, vocalizada, apagada ou mesmo ressilabificada à posição de *onset* como uma consoante coronal (Balduino, Vieira, 2020; Balduino; Vieira; Freitas, 2020). A tabela 2 apresenta a frequência e a proporção de cada uma das possibilidades observadas. Embora a tabela em evidência apresente a contabilização da ressilabificação, vamos nos ocupar, principalmente, dos processos lexicais neste artigo.

Tabela 2 – Frequência e proporção dos fenômenos que atingem /l/ em coda no PP.

Variável	Apl./N. Ocorrências	%
[ɫ]	367/737	49.8
[w]	136/737	18.5
[l] – ressilabificada	63/737	8.5
Apagamento	171/737	23.2

Fonte: Elaboração própria.

A velarização em coda foi o processo, cujo alvo é a lateral, mais recorrente no *corpus* analisado (49.8%). Esse processo tem a coda como domínio exclusivo, não sendo verificadas ocorrências de [ɫ] em *onset* simples ou em *clusters* consonantais: lado \*[ˈɫa.du]; plano \*[ˈpɫa.nu]; palma [ˈpaɫ.mɐ]. O mesmo é verificado para [w], forma vocalizada da lateral presente apenas na coda: lado \*[ˈwa.du]; plano \*[ˈpwa.nu]; palma [ˈpaw.mɐ].

A lateral pode ser descrita a partir dos seguintes traços: [+lateral], [+consoante] e [+soante], tendo o ponto de articulação consonantal preenchido como [coronal, +anterior] (Mateus; d'Andrade, 2000, p. 141). No PP, se /l/ é licenciada no *onset*, esses traços são mantidos. De outro modo, se /l/ é licenciada em coda, tal segmento pode adquirir uma articulação secundária, sendo preenchidos os traços [dorsal, +posterior] no nó vocálico e, por consequência, resultando em um segmento complexo: [ɫ] (Quednau, 1993, p. 105).

Enquanto a velarização é um fenômeno de fortalecimento, decorrente do preenchimento de traços (Quednau, 1993, p. 81), a vocalização, verificada em 18.5% das ocorrências no PP, pode ser explicada através do desligamento de traço [coronal], e, conseqüentemente, do traço [+lateral] que confere ao segmento a característica de consoante, configurando um processo de lenição, do mesmo modo que se observa no PST (Balduino; Vieira, 2020) ou mesmo no PB (Quednau, 1983; Silva, 2016). Esse processo, além de enfraquecer o segmento, altera o *template* CVC para CVG. Já o apagamento, observado em 23,2% das vezes, promove, como output, a reestruturação de uma sílaba CVC em uma sílaba CV. Em ambos os casos, que juntos totalizam 41.7% das ocorrências do corpus, notamos que uma sílaba fechada passa a ser realizada como aberta.

No PE, a vocalização é rara, sendo comumente reportado, na literatura, a realização de [ɥ] na coda para essa variedade (Mateus; d’Andrade, 2000, p. 46). No PB, de modo contrário, a variação entre [ɥ] ~ [w] resulta de um processo histórico e, sincronicamente, é atribuída à variação diatópica (Quednau, 1983). No PP, a oscilação entre a forma velar e a vocalizada é constatada na fala de um mesmo falante, não sendo observadas restrições exercidas pelo contexto vocálico precedente ou pelo acento lexical, como se verifica no quadro 3.

Quadro 3 – Variação de [ɥ] ~ [w] em coda no PP, considerando o acento lexical e o contexto vocálico precedente.

Vogal Precedente	Velarização		Vocalização	
	Tônica	Átona	Tônica	Átona
[i]	[ˈmiɥ]	[ˈfa.siɥ]	[bra.ˈziw]	[ˈfa.siw]
[e]	-----	[ˈni.veɥ]	-----	[pɔ.ˈta.vew]
[ɛ]	[o.ˈtɛɥ]	-----	[pĩ.ˈsɛw]	-----
[a]	[ˈsaɥ]	[saɥ.ˈga.dõ]	[ˈmaw]	[aw.ˈtu.rɐ]
[ɔ]	[ˈsɔɥ]	[sɔɥ.ˈda.dõ]	[ẽ.ˈzɔw]	-----
[o]	[ˈboɥ.su]	[voɥ.ˈtaɾ]	[ˈbow.sɐ]	[di.sow.ˈveɾ]
[u]	[ˈsuɥ]	[kuɥ.ˈtu.rɐ]	-----	-----

Fonte: Elaboração própria.

Tanto [ɥ] quanto [w] ocorrem em sílabas átonas e tônicas. Em relação à vogal precedente, notamos que a vocalização não foi atestada com [u] precedente. Isso pode ser explicado pela ação do Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle* - OCP) (McCarthy, 1986), princípio já referenciado como relevante para explicar fenômenos, epifenômenos e derivações fonológicas do português (Wetzels, 1997; Abaurre; Sândalo, 2004). Originalmente postulado para explicar o impedimento de dois tons idênticos associados a vogais adjacentes, esse princípio, em uma de suas concepções adaptadas ao longo dos anos, postula que qualquer sequência de elementos adjacentes, sejam eles suprasegmentais ou segmentais, tenderia a ser evitada nas línguas naturais. Assim, uma vez que [u] e [w] compartilham exatamente os mesmos traços [dorsal] e [+alto], a vocalização seria evitada, sendo preferível, no lugar, a velarização ou mesmo o apagamento do [ɥ]. O apagamento da lateral em coda, por seu

FLP 22(2)

turno, também é observado em sílabas tônicas e átonas, após as sete vogais orais do PP.

Quadro 4 – Apagamento da lateral em coda no PP, considerando a vogal precedente e o acento lexical.

Vogal Precedente	Apagamento de /l/			
	Tônica		Átona	
[i]	Brasil	[bra.'zi]	fácil	['fa.si]
[e]	-----	-----	possível	[po.'si.vi]
[ɛ]	hotel	[o.'tɛ]	-----	-----
[a]	palma	['pa.mɐ]	almoço	[a.'mo.su]
[ɔ]	farol	[fa.'ɾɔ]	folgado	[fɔ.'ga.du]
[o]	bolso	['bo.su]	resolve	[re.zo.'ve]
[u]	sul	['su]	cultura	[ku.'tu.rɐ]

Fonte: Elaboração própria.

O apagamento de /l/ em coda é verificado em sílabas tônicas e átonas, após qualquer uma das vogais do PP. A implementação do apagamento ocorre antes de regras de alçamento vocálico, posto que em dados como *possível* notamos: o alçamento de /e/ em [i], caso a lateral seja apagada [po.'si.vi]; e a realização de [e] átona final, caso haja realização de consoante, como em [po.'si.ve].

A posição da lateral em coda na palavra também não bloqueia a velarização, a vocalização ou mesmo o apagamento. Considerando o meio e o final (#) das palavras morfológicas e prosódicas<sup>10</sup>, registramos as duas primeiras ocorrências e também o apagamento de /l/. Para tanto, consideramos a possibilidade de o sufixo *-mente* compor uma palavra prosódica independente (Schwindt, 2001). Como evidência para tal hipótese, podemos citar a realização de vogais média-baixas em sílabas pretônicas, como em *belamente* [be.la.'mẽ.ti], *belinho* [be.'li.ɲu] e *belíssimo* [be.'li.si.mu], registrada no PP diante de sufixos como *-ment*, *-(z)inh* e *-ism*, que se comportariam como palavras prosódicas independentes dotadas de acento. Por isso, as vogais médias não seriam submetidas, obrigatoriamente, à neutralização de pretônicas (Santiago et al., no prelo)<sup>11</sup>. No quadro 5, trazemos exemplos da velarização, da vocalização e do apagamento da lateral em coda em diferentes posições dentro da palavra.

<sup>10</sup> Palavra prosódica corresponde a uma palavra fonológica mínima possui um único acento primário (Vigário, 2003, p. 263).

<sup>11</sup> Santiago et al. (no prelo), no entanto, chamam atenção para o fato de que a neutralização pode ocorrer mesmo nesses casos no PP: *belíssimo* [be.'li.si.mu], fato que, de acordo com os autores, sugere que o estatuto prosódico de alguns sufixos do PP deva ser reavaliado.

Quadro 5 – Processos envolvendo a lateral na coda no PP, conforme a posição na palavra.  
# equivale à fronteira de palavra.

Contexto	Velarização	Vocalização	Apagamento
Meio de Palavra Morfológica e Prosódica	polvo ['po <u>l</u> vʊ]	calmo ['ka <u>w</u> .mʊ]	folga ['fɔ.gɐ]
# inicial de palavra prosódica e meio de palavra morfológica	facilmente [fa.s <u>l</u> .'mẽ.ti]	realmente [re.a <u>w</u> .'mẽ.ti]	geralmente [ʒe.ra. <u>l</u> 'mẽ.ti]
# inicial de palavra morfológica e prosódica	anzol [ẽ.'zɔ <u>l</u> ]	mel ['mew]	azul [a.'zu]

Fonte: Elaboração própria.

A velarização, a vocalização e o apagamento, nos dados examinados, foram registrados em contextos nos quais a palavra morfológica e prosódica apresentavam fronteiras coincidentes ou mesmo quando tal coincidência não era verificada. Se a variação entre [ʎ] ~ [w] e mesmo o apagamento não são determinados conforme sua posição na palavra, a fronteira de palavra morfológica, todavia, é essencial para a ressilabificação, como indicado em (1). Nesse exemplo, a lateral na coda do item lexical *tal* é ressilabificado como *onset* [ʎ] juntamente à palavra *alunos*.

(1) Sessenta e ta[ʎa]lunos

Caso a coda esteja em fronteira de palavra e seja realizada como [ʎ], havendo uma segunda palavra iniciada por vogal, a lateral é ressilabificada à posição de *onset*, sendo realizada como [ʎ]. Isso ocorre porque a lateral velar é proibida em *onset*. A ressilabificação é, portanto, um processo pós-lexical que ocorre apenas com a velarização, processo lexical. Isto é, em ocorrências de vocalização, não há ressilabificação.

Discutidas as realizações de /l/ em coda levantadas, dedicamos a seção 4.2 à sibilante em coda no PP.

#### 4.2 A sibilante /S/ em coda

A sibilante /S/, em coda, pode ser produzida como uma palatal [ʃ, ʒ], ser apagada e, a exemplo da lateral, ser ressilabificada. As consoantes [s, z] também foram verificadas em posição de coda, embora ocorram de forma menos recorrente. Na tabela 3, apresentamos a frequência e a proporção de realizações e apagamentos de /S/.

Tabela 3 – Frequência e proporção da realização e do apagamento de /S/ em coda no PP.

Variável	Apl./N. Ocorrências	%
[ʃ, s, ʒ, z]	1.213/1.469	82.6
Apagamento	256/1.469	17.4

Fonte: Elaboração própria.

Assim como /l/ em coda, /S/ em coda pode ser apagado em diferentes contextos vocálicos e de tonicidade, como pode ser verificado pelos exemplos do quadro 6.

Quadro 6 – Apagamento de /S/ em coda no PP, considerando a vogal precedente e o acento lexical.

Vogal Precedente	Apagamento de /S/			
	Tônica		Átona	
[i]	feliz	[fe.'li]	vezes	['ve.zi]
[e]	desde	['de.di]	mesmíssima	[me.'mi.si.mɐ]
[ɛ]	pés	['pɛ]	-----	-----
[a]	-----	-----	costas	['kɔʃ.tɐ]
[ɔ]	fósforo	['fɔ.fɔ]	-----	-----
[o]	depois	[de.'po.]	-----	-----
[u]	Jesus	[ʒe.'zu]	vários	['va.ɾiʊ]

FLP 22(2)

Fonte: Elaboração própria.

Distintamente do apagamento de /l/, o apagamento de /S/ em coda possui uma interface morfológica, relacionando-se à marcação de plural (Brescancini, 2002), como sugerido pela distribuição de frequência dos apagamentos na tabela 4. Nesta tabela, notamos que 75% dos apagamentos ocorrem em casos cuja sibilante, além de estar na coda, portava a informação de plural.

Tabela 4 – Frequência e proporção da realização e do apagamento de /S/ em coda no PP de acordo com a função morfológica desempenhada pela coda em evidência.

Função Morfológica	Apagamento	[ʃ, s, ʒ, z]
Plural	192 (75%)	887
Não – Plural	64 (25%)	582
Total	256 (100%)	1469

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de, proporcionalmente, os apagamentos serem mais recorrentes caso a sibilante desempenhe a função morfológica de plural, o apagamento de /S/ em coda ocorre também em itens cuja fricativa não marca o plural de sintagmas nominais como em dados como *feliz* [fe.'li], *desde* ['de.di], *mesmíssima* [me.'mi.si.mɐ], *Jesus* [ʒe.'zu] e

*fósforo* ['fɔ.fɔ] apresentados no quadro 6. Os dados que apresentam apagamento sem interface morfológica sugerem que este pode ser um processo fonológico independente. Isso é reforçado em dados em que a informação de plural é mantida a despeito de a sibilante ser elidida, como exposto em *vezes* ['vezɪ] (cf. quadro 6). Nesse exemplo, o plural é marcado pelo sufixo *-es* [ɪʃ]. Assumindo que o apagamento da sibilante fosse um fenômeno de natureza estritamente morfológica de não demarcação do plural, o previsto seria o apagamento do sufixo *-es*. Todavia, em formas como *vezes* ['ve.zɪ], a sibilante em coda é apagada sem culminar em perda de informação gramatical. Desse modo, o *template* silábico CVC é desfeito e reestruturado em uma sílaba CV, mas a concordância plural é mantida.

Considerando a proporção de apagamentos de /S/ em coda, apenas em casos cuja informação morfológica não é relevante, notamos sua recorrência em somente 7,2% (64/887) dos dados. Comparado ao apagamento do /l/ em coda, notamos que a sibilante em coda apresenta uma baixa proporção de apagamentos, além de evidenciar um comportamento paradoxal ao promover alteração do *template* de sílabas fechadas (CVC) em sílabas abertas (CV, CVG), fato também observado por Silva (2016) para o PB. Conforme a autora, há indícios de que a sibilante em final de sílaba no PB tende a resistir ao apagamento e mesmo a processos de lenição, como a vocalização observada para /l/ em coda, que promovem sílabas abertas. Assim sendo, o apagamento de sibilantes em final de sílabas não parece ser uma tendência geral no PB, exceto pela palavra *mesmo*, na qual /S/ em coda é comumente realizado, em algumas variedades do PB, como uma fricativa posterior ['meh.mʊ] ou não é realizado ['me.mʊ] (Silva, 2016, p. 222).

No PP, além de não serem verificados processos de vocalização que tenham /S/ em coda como alvo, é possível observarmos padrões silábicos inovadores para o PP e complexos, que geram *onsets* e codas ramificados, decorrentes do apagamento de uma vogal alta (Santiago et al., no prelo; Balduino, em preparação). Esse é o caso dos exemplos apresentados no quadro 7.

FLP 22(2)

Quadro 7 – Padrões silábicos inovadores e complexos no PP. Neste quadro, consideramos: C = consoante; C<sub>1</sub> = oclusiva; C<sub>2</sub> = líquida; V = vogal licenciada no núcleo;

Palavra	<i>Template</i> original	<i>Template</i> resultante
escola [iʃ.'kɔ.lɐ] ~ ['ʃkɔ.lɐ]	VC.CV	CCV    ʃC <sub>1</sub> V
desporto [diʃ.'pɔr.tɔ] ~ ['dʃpɔr.tɔ]	CVC.CVC	CCCVC    ʃC <sub>1</sub> C <sub>2</sub> VC
explicar [iʃ.'pli'ka] ~ [ʃpli.'ka]	VC.CCV	CCCV    ʃC <sub>1</sub> C <sub>2</sub> V
escala [iʃ.'ka.lɐ] ~ ['ʃka.lɐ]	VC.CCV	CCCV    ʃC <sub>1</sub> V
estrela [iʃ.'tre.lɐ] ~ ['ʃtre.lɐ]	VC.CCV	CCCV    ʃC <sub>1</sub> C <sub>2</sub> V
absurdo [a.bi.'sur.dɔ] ~ [a.'bsur.dɔ]	CV.CVC	CCVC    C <sub>1</sub> sV
obstáculo [o.biʃ.'ta.ku.lɔ] ~ [obj.'ta.ku.lɔ]	V.CVC.CV	VCC.CV    VCɻ

bicho	['bi.ʃɔ]	~ ['biʃ]	CV.CV	CVC	CVʃ
dezenove	[di.ze. 'nɔ.vi]	~ [dze. 'nɔ.vi]	CV.CV	CCV	C <sub>1</sub> zV
lápiz	['la. piʃ]	~ ['lapʃ]	CV.CVC	CVCC	CVC <sub>1</sub> ʃ

Fonte: Elaboração própria.

No quadro 7, notamos que o apagamento de [i] ou [u], antecedido, muitas vezes, pelo ensurdecimento dessas vogais ( Balduino, em preparação), promove a alteração de sílabas simples, como VC ou CV, em sílabas complexas: CCV, CCCVC, CCVC, CCCV, VCC, CVC e CVCC que, por sua vez, portam combinações segmentais inovadoras para o PP que contêm uma sibilante em sua constituição. Nos casos identificados, observamos, invariavelmente, a relevância da sílaba átona e de /S/ em coda, ressilabificado ao *onset* da próxima sílaba, ou, no caso do item *absurdo* [a.bi.'sur.dʊ] ~ [a.bi.'sur.dʊ], realocado do *onset* à coda. Isto é, a fricativa corresponde a um segmento capaz de ser realocado e gerar novos *templates* silábicos no PP.

A exemplo do PB, a sibilante em coda silábica no PP pode ser compreendida, então, como um gatilho potencial para a emergência de sílabas complexas. Trabalhos como o de Soares (2016) e Silva (2016) predizem, por exemplo, que, no português brasileiro, padrões inovadores, para essa variedade de português, com sílabas complexas irão emergir e estas sílabas terão uma sibilante em sua composição. O PP, por seu turno, além da tendência de simplificação de sílabas CVC em CV e CVG, demarcada pelo apagamento de /l/ e /S/ em coda, apresentaria, paradoxalmente, uma tendência contrária à complexificação, em decorrência do apagamento de [i] e [u] e da ressilabificação de /S/.

FLP 22(2)

A seguir, na seção 4.3, trataremos dos fenômenos que atingem o rótico em coda.

### 4.3 O rótico /r/ em coda

O rótico /r/ em coda no PP apresenta as seguintes realizações fonéticas: [r, ɾ, ʁ, h, x, R], além de poder ser apagado e ressilabificado. Na tabela 5, expomos a frequência e a proporção de realizações e apagamentos do rótico /r/ em coda no PP.

Tabela 5 – Frequência e proporção da realização e do apagamento de /r/ em coda no PP.

Variável	Apl./N. Ocorrências	%
[r, ɾ, ʁ, h, x, R, ɹ]	1033/1785	57.9
Apagamento	752/1785	42.1

Fonte: Elaboração própria.

No PP, o rótico na coda pode ser foneticamente realizado como um tepe [ɾ], uma vibrante [r], uma fricativa glotal [h] surda ou sonora [ɦ], uma fricativa uvular [ʁ], uma vibrante uvular [R] e, em casos mais raros, como uma aproximante velar [R, w]. Semelhante à lateral e à sibilante, /r/ pode ser apagado em coda no PP, como se verifica nos exemplos do quadro 8.

Quadro 8 – Apagamento do rótico em coda no PP, considerando a vogal precedente e o acento lexical.

Vogal Precedente	Apagamento de /r/			
	Tônica		Átona	
[i]	sair	[sa.'i]	-----	-----
[e]	fazer	[fa.'ze]	terminar	[te.mi.'na]
[ɛ]	certo	[.'sɛ.tõ]	nervosa	[nɛ.'vɔ.zɐ]
[a]	barco	[.'ba.kõ]	jardim	[ʒa.'dĩ]
[ɔ]	sorte	[.'sõ.ti]	cortar	[kõ.'ta]
[o]	senhor	[sẽ.'jo]	orgulho	[o.'gu.lõ]
[u]	urso	[.'u.sõ]	urbana	[u.'ba.nɐ]

Fonte: Elaboração própria.

Em relação às demais codas investigadas, notamos que o apagamento de /r/ foi o mais recorrente percentualmente (57.9%), superando, inclusive, a realização desse segmento na coda (42.1%). A alta proporção de apagamentos pode estar relacionada à classe gramatical da palavra, uma vez que, dentre as ocorrências analisadas, 802 apagamentos ocorreram em itens verbais e, em apenas 231 ocorrências não-verbais, o fenômeno foi registrado (Oliveira, 1997, p. 39). Somando-se à classe gramatical e, muitas vezes, concomitante a esta, a posição da coda, na palavra, também pode ser uma variável relevante para o apagamento de /r/, sendo a fronteira final um contexto potencialmente favorável, porém não exclusivo para a realização do fenômeno (Callou; Serra, 2012, p. 51). No quadro 9, apresentamos exemplos de apagamento de /r/ em coda em fronteira ou não de palavra morfológica. Distintamente da lateral, no caso de apagamento de /r/ em coda, não controlamos a fronteira de palavra prosódica.

FLP 22(2)

Quadro 9 – Apagamento do rótico em coda no PP, considerando a posição na palavra morfológica.

Contexto	Apagamento de /r/			
	Tônica		Átona	
# final de palavra	mudar	[mu.'da]		
	pior	[pi.'õ]	açúcar	[a.'su.ka]
	cair	[ka.'i]	líder	[.'li.de]
Meio de Palavra	verde	[.'ve.dɨ]	jardim	[ʒa.'dĩ]
	norte	[.'nõ.tɨ]	dormir	[du.'mĩ]
	caderno	[ka.'de.nõ]	português	[po.tu.'geʃ]

Fonte: Elaboração própria.

Além do apagamento do /r/ em coda, que promove alteração do *template* CVC em CV, processos de lenição, tendo o rótico em coda como alvo, também são observados no PP. A lenição de róticos, amplamente reportada no PB (Callou; Leite; Moraes, 2002; Rennieke, 2015), é frequentemente associada à mudança fonológica, consolidada ou em curso, sendo relacionada a uma alteração articulatória de



posteriorização do rótico. Lass (1984, p. 355), a esse respeito, indica que a lenição ocorre devido a alterações em um ou mais dos seguintes parâmetros articulatórios e, conseqüentemente, acústicos: (i) abertura (quanto mais aberto, menos resistência à saída do fluxo de ar) e (ii) sonoridade (quanto mais sonoro, maior a energia acústica periódica). Assim sendo, poderíamos observar os seguintes estágios de lenição: oclusiva > africada > fricativa > aproximante > fricativa glotal > apagamento e, no que tange ao vozeamento, desvozeada > vozeada.

Trabalhos como o de Callou, Leite e Moraes (2002, p. 537) incorporam essa definição de estágio de lenição em suas propostas de análise, interpretando a variação do rótico em coda, no PB, como um processo de enfraquecimento segmental cujo resultado é uma estrutura silábica CV. Desse modo, as realizações fonéticas do rótico em coda decorreriam de uma simplificação articulatória, em que os sons que envolvem articulações mais complexas variam com sons menos complexos até serem apagados (Callou; Leite; Moraes, 2002).

Com base nos dados do PP, podemos estabelecer os seguintes grupos de róticos em coda: vibrantes, tepe, fricativa posterior e, de modo menos recorrente, aproximantes [ʃ, w]. Exemplificamos, no quadro 10, a realização dos diferentes grupos que podem indicar lenição do rótico no PP. Todas as realizações, com exceção das aproximantes [ʃ, w], podem ocorrer em meio e em final de palavra, diante de todas as qualidades vocálicas. Já [ʃ, w] só foram observadas em meio de palavra quando a vogal precedente correspondia a [e] ou [ɛ].

Quadro 10 – Lenição do rótico em coda em PP: possíveis realizações.

Rótico	Exemplo	
[r, ʀ]	mar	[ˈmar] ~ [ˈmaʀ]
[ʀ]	verde	[ˈver.di]
[ʁ, x, ɣ, h, fi]	cor	[ˈkɔʁ] ~ [ˈkɔx] ~ [ˈkɔh]
[ʃ, w]	perto	[ˈpɛʃ.tu] ~ [ˈpɛw.tu]

Fonte: Elaboração própria.

Além de as diferentes realizações do rótico em coda apontarem para um processo de enfraquecimento segmental demarcado, sobretudo, pela posteriorização de /r/ em coda e culminando, por consequência, na alteração do *template* silábico CVC em CV com o apagamento, observamos que, distintamente do PB, no PP, e mesmo no PST (Bouchard, 2017; Brandão et al., 2017; Vieira; Balduino, 2020), esse processo não é exclusivo à coda. De fato, a alternância entre vibrantes, tepe e fricativas posteriores é observada em *onset* em ambas as variedades faladas em STP já reportadas pela literatura (Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; Agostinho; Soares; Mendes, 2020).

FLP 22(2)

Semelhante às sibilantes, esse fato culmina em *templates* silábicos com combinações segmentais inovadoras, contendo, muitas vezes, sequências de fricativas em sua composição. Ao mesmo tempo, reforça uma tendência tipológica à sílaba CV, dado que a lenição de /r/ enquanto C<sub>2</sub> de um *onset* complexo (C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>) pode culminar, assim como na coda, em seu total apagamento, resultando, mais uma vez, em uma estrutura CV. Essas possibilidades são expressas no quadro 11.

Quadro 11 – Padrões silábicos inovadores no PP. Neste quadro, consideramos: C = consoante; C<sub>1</sub> = oclusiva; C<sub>2</sub> = líquida; V = vogal licenciada no núcleo; G = glide.

Palavra	<i>Template</i> original	<i>Template</i> resultante
roça [ˈrɔ.sɐ] ~ [ˈʁɔ.sɐ]	CV.CV	CV.CV rV.CV
carro [ˈka.rɔ] ~ [ˈka.ʁɔ]	CV.CV	CV.CV CV. rV
caro [ˈka.rɔ] ~ [ˈka.ʁɔ]	CV.CV	CV.CV CV. ʁV
praça [ˈpra.sɐ] ~ [ˈpʁa.sɐ]	CCV.CV	CCV.CV C <sub>1</sub> ʁV.CV
troco [ˈtro.kɔ] ~ [ˈtʁo.kɔ]	CCV.CV	CCV.CV C <sub>1</sub> ʁV.CV
fraco [ˈfra.kɔ] ~ [ˈfʁa.kɔ]	CCV.CV	CCV.CV C <sub>1</sub> ʁV.CV
Brasil [bra.ˈziʃ] ~ [bʁa.ˈziʃ]	CCV.CVC	CCV.CVC C <sub>1</sub> ʁV.CVC
fresco [ˈfreʃ.kɔ] ~ [ˈfʁeʃ.kɔ]	CCVC.CV	CCVC.CV C <sub>1</sub> ʁVC.CV
genro [ˈʒẽ.rɔ] ~ [ˈʒẽ.ʁɔ]	CVC.CV	CVC.CV CVC. rV
problema [pro.ˈble.mɐ] ~ [po.ˈbe.mɐ]	CCV.CV.CV	CV.CV.CV CV.CV.CV
petróleo [pe.ˈtrɔ.ljɔ] ~ [pe.ˈtɔ.ljɔ]	CV.CCV.CGV	CV.CV.CGV CV.CV.CGV

Fonte: Elaboração própria.

No quadro 11, apresentamos, na última coluna, os *templates* silábicos resultantes da lenição do rótico no PP. Em destaque em vermelho estão os róticos que promovem um padrão segmental inovador. Um mesmo falante pode oscilar entre a realização de um tepe e de vibrantes ou fricativas posteriores nos seguintes contextos: (i) em posição de coda (CVr ~ CVʁ); (ii) em posição de *onset* como primeiro segmento no início de palavra (rV ~ ʁV); (iii) no *onset* da segunda sílaba em contexto intervocálico (CV. rV ~ CV.ʁV); (iv) seguindo uma sílaba fechada por coda (CVC.rV ~ CVC.ʁV); e (v) no segundo elemento de um *onset* complexo (C<sub>1</sub>rV ~ C<sub>1</sub>ʁV). Por fim, a oscilação entre um tepe e outras realizações segmentais pode não ocorrer, havendo um apagamento, caso o rótico esteja na segunda posição de um *cluster*, como exposto nas últimas duas linhas em destaque do quadro 11<sup>12</sup>.

<sup>12</sup>Na posição de segundo elemento de um *onset* complexo, temos ainda a possibilidade de realização de uma vibrante uvular [ʀ].

A variação do rótico intervocálico, como apresentada no quadro 11, gera a neutralização de alguns pares mínimos. Este é o caso de *carro* ['ka.rʊ] ~ ['ka.ʁʊ] e *caro* ['ka.rʊ] ~ ['ka.ʁʊ], produzidos como homônimos. Embora a alternância e instabilidade na produção do rótico nas variedades do português faladas em STP venham sendo recentemente documentadas (Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; Agostinho; Soares; Moraes, 2020), essa é uma questão que ainda precisa ser mais discutida. Em geral, os trabalhos recentes apontam para uma mudança em curso. Bouchard (2017, p. 232), dentro do quadro teórico da sociolinguística laboviana, atesta que a alternância dos róticos possui a faixa etária como variável relevante, posto que o uso de [ʁ] é favorecido pelas gerações mais jovens de São Tomé. Agostinho, Soares e Mendes (2020), assumindo uma abordagem experimental e trabalhando com dados de fala controlada, corroboram essa hipótese. Para os autores, há uma perda de contraste fonológico entre os róticos no português do Príncipe. Este seria promovido pelo contato com o *lung'le*, bem como pelo fato de que o *tepe* e as demais realizações do rótico não constituem segmentos que produzem muitos contrastes fonêmicos no português.

A lenição do rótico, bem como seu apagamento, a exemplo dos apagamentos de /l/ e /S/ em coda silábica, sugerem que o PP, a exemplo do PB, privilegia sílabas abertas. Todavia, a emergência de novos padrões silábicos, caracterizados, sobretudo, por ensurdecimentos e apagamentos das vogais altas [i] e [u] quando coarticuladas com /S/, ao contrário, indica que processos conflitantes atuam no PP, resultando na formação de sílabas complexas que o aproximam, por exemplo, de variedades como o PE.

FLP 22(2)

## 5 APAGAMENTOS SEGMENTAIS: PREVALÊNCIA DE SÍLABAS CV E NOVAS ESTRUTURAS SILÁBICAS

Nas palavras de Silva (2016):

Uma vez que os sistemas linguísticos estão em constante mudança, espera-se que conflitos contribuam para a evolução do sistema. De fato, são conflitos que oferecem lacunas que podem ser preenchidas por padrões emergentes. No caso do conflito entre sílabas abertas e fechadas a dinamicidade do sistema pode evoluir para promover qualquer um dos tipos silábicos: sílabas abertas ou sílabas fechadas. (Silva, 2016, p. 219).

Ao discutirmos a silabificação no PP, adentramos em diferentes fenômenos que têm a sílaba como domínio. Focando em processos cujo alvo é o segmento licenciado na coda, mais especificadamente /l, S, r/, notamos que a tipologia silábica do PP apresenta diferentes trajetórias possíveis e conflitantes: (i) a criação de sílabas abertas a partir de uma estrutura CVC inicial, promovida por processos de lenição, como a vocalização de /l/ e /r/ e a posteriorização de /r/, bem como pelos apagamentos em coda de /l, S, r/ e de /N/, embora esse último não tenha sido tratado neste artigo (conferir Balduino, 2018 sobre este último tipo de apagamento em PP); (ii) produção de sílabas complexas em decorrência do ensurdecimento e do apagamento vocálico de [i] e [u] em sílabas que contêm /S/ em coda ou em sílabas contíguas /S/; e, ainda, (iii) manutenção de *clusters* CCV modificando a sequência de segmentos em decorrência da lenição de /r/ em *onset* simples e complexos.

Conforme Silva (2016, p. 219), os sistemas linguísticos estão em constante mudança. No PP, esse fato é reforçado, pelo contato linguístico na região, como também por outros fatores de ordem política e social, como o estabelecimento recente do português como língua materna e majoritária da população santomense e mesmo as pressões exercidas pelo PE no uso vernacular dessa variedade recém-emergida. Assim, é possível que forças extralinguísticas atuem em conjunto com o próprio dinamismo gramatical do português na emergência de padrões silábicos conflitantes.

No PE, por exemplo, relatam-se frequentes reduções e supressões vocálicas que sugerem uma mudança em direção à formação de sílabas fechadas a partir de sílabas abertas, bem como a criação de novos padrões: *chávena* ['ʃavnɐ], *póte* ['pɔt], *definir* [dfi'ni] (Miguel, 2003, p. 88-89). Além do mais, conforme Brandão, Mota e Cunha (2003, p. 163-164), o PE é mais resistente ao apagamento da coda quando comparado ao PB, preferindo manter o padrão CVC. Conforme os autores, enquanto o corpus do PB apresentou a proporção de 78% de apagamento do rótico em coda, no PE, esse processo foi registrado apenas em 26% das ocorrências avaliadas.

Silva (2016, p. 216), assim como outros estudos (Callou, 1987; Oliveira, 1997; Hora; Pedrosa; Cardoso, 2010), fornece indícios de que, ao contrário do PE, a mudança do PB privilegia sílabas abertas a partir de sílabas fechadas. Ainda conforme Silva (2016, p. 219), há, no entanto, casos em que uma sílaba fechada por uma sibilante apresenta a situação paradoxal de ser preservada e ao mesmo tempo cancelada (em formas de plural).

As tendências observadas no PE e no PB sugerem que a promoção de sílabas abertas ou de sílabas complexas são caminhos gramaticais possíveis no português. Esse fato estaria, portanto, de acordo com o comportamento conflitante do PP. Os altos índices de apagamentos e a recorrência de processos de lenição, no entanto, sugerem, por um lado, que a prevalência de sílabas abertas CV ou CVG seja uma estratégia mais comumente adotada nessa variedade. Esse fato estaria de acordo com outras supressões consonantais como a lenição e o cancelamento do rótico em C<sub>2</sub> de *clusters* consonantais de sílabas C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V, caracterizando o PP como uma variedade legítima de STP, com traços únicos que refletem sua ecologia linguística singular. Todavia, essa predominância de fenômenos que justificam a busca por uma estrutura silábica aberta esbarra na possibilidade gramatical de produção de sílabas complexas, possivelmente reforçada pelo estatuto da norma linguística do PE disseminada pela escolarização em STP. Assim, é possível que a emergência de padrões silábicos complexos, fomentados pelo ensurdecimento e apagamento de [i] e [u], esteja em consonância, não somente com a possibilidade gramatical oferecida pela língua, respeitando, assim, restrições segmentais e suprasegmentais do próprio sistema, como também seja reforçada pela difusão do PE em STP em detrimento às variedades autóctones de fato faladas no arquipélago.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coda, no PP, pode ser preenchida por /N, r, S, l/, fonemas que apresentam diferentes realizações fonéticas e, inclusive, podem ser submetidos a processos de lenição e apagamentos. Este artigo focou na análise da lateral, da sibilante e do rótico, porém, trabalhos dedicados ao estudo da nasalidade no PST e no PP podem ser conferidos em Balduino (2018) e Araujo e Balduino (2019). O apagamento de /l, S, r/

FLP 22(2)

em coda é um processo recorrente em PP, contudo, não uniforme para todas as consoantes, pois tais segmentos exibem proporções distintas de implementação do fenômeno: /l/ (23.2% de apagamento); /s/ (17.4% de apagamento) e /r/ (57.9% de apagamento). Esses apagamentos, em consonância com outros fenômenos fonológicos, como vocalização de /l, r/ e posteriorização do rótico, sugerem que, no PP, os padrões silábicos CV e CVC são um padrão robusto da língua, a exemplo do PB (Silva, 2016, p. 225). Entretanto, esse não foi o único resultado encontrado ao examinarmos processos fonológicos no domínio da sílaba. A ocorrência de padrões complexos não previstos durante a silabificação sugere, em contrapartida, a emergência de novos *templates* silábicos no PP e/ou mesmo de novas sequências segmentais em *clusters* que incorporam /s/ em sua consolidação, segmento que, em coda, apresentou a menor ocorrência de apagamento em nossos dados. Logo, se por um lado, há alterações de *templates*, nomeadamente, (1) CVC >> CV e (2) CVC >> CVG, sugerindo uma simplificação em direção a sílabas abertas, por outro lado, outputs complexos, resultantes de alterações do tipo (3) CVC >> CCCVC; VCC; (4) VC >> CCV; CCCV e (5) CV >> CCV; CVC; CCVC, também são recorrentes. Esses resultados abrem margem, portanto, a uma ampla discussão em torno da sílaba e da silabificação no PP.

A partir da discussão tecida neste estudo, pretendemos contribuir com alguns aspectos da descrição fonológica do português do Príncipe, uma variedade do português falada em São Tomé e Príncipe ainda pouco estudada. No entanto, sendo este trabalho uma análise inicial em PP, algumas questões permaneceram sem respostas e, por isso, ressaltamos a necessidade de maior aprofundamento na análise dos processos elencados, o que pode ser realizado através do exame de um corpus de fala controlada, bem como por meio do tratamento estatístico dos padrões silábicos resultantes da análise de dados de fala espontânea e/ou controlada.

FLP 22(2)

## REFERÊNCIAS

- Abaurre MB, Sândalo MF. Os róticos revisitados. In: Hora D, Collischonn G, organizadores. Teoria linguística: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba; 2003. p. 144-199.
- Agostinho AL. Róticos em contexto intervocálico no português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. IX Encontro da ABECS; 28 nov-30nov. 2016; Brasília, DF, Brasil.
- Agostinho AL, Soares E, Mendes M. Merging of quasi-phonemes in contact situations: evidence from rhotics in Principense Portuguese. Annual Meeting on Phonology; 18 set-20set. 2020; University of California Santa Cruz, California.
- Araujo G, Agostinho AL. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*. 2010;26:49-81.
- Araujo G, Balduino A. Nasalização vocálica no português urbano de São Tomé e Príncipe. *Diacrítica*. 2019;33(2):41-68.
- Araujo G. Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe? In: Souza S, Olmo F, organizadores. *Línguas em português - a lusofonia numa visão crítica*. Porto: Universidade do Porto Press; 2020. p. 173-197.
- Balduino AM. A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018.

- Balduino AM. Apagamento de /R/ e /S/ em coda no português principense. *PAPIA*. 2019;29(1):25-39.
- Balduino AM. Processos fonológicos no português de São Tomé e de Santo António do Príncipe [tese em preparação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; em preparação.
- Balduino AM, Vieira N. Distribuição da lateral /l/ em coda no português santomense. *Estudos Linguísticos*. 2020;49(2):594-615.
- Balduino AM, Vieira N, Freitas S. A coda no português santomense (PST) e principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. *Revista da Abralín*. 2020;19(1):1-26.
- Bandeira M. Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2017.
- Bauer L. Lenition revisited. *Journal of Linguistics*. 2008;44(3):605-624.
- Bouchard ME. Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé [thesis]. New York: Department of Linguistics, New York University; 2017.
- Bisol L. A sílaba e seus constituintes. In: Neves M, organizadora. Gramática do português culto falado: novos estudos, v. 7. Campinas: Editora da UNICAMP; 1999. p. 701-742.
- Blevins J. The syllable in phonological theory. In: Goldsmith J, editor. *Handbook of phonological theory*. London: Basil Blackwell; 1995. p. 206-244.
- Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer [programa de computador]. Versão 5.3.82. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2018. [citado 20 jan. 2018]. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat>.
- Braga G. A prosódia do português de São Tomé: a entoação do contorno neutro [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018.
- Brandão S, et al. Róticos na variedade urbana do português de São Tomé. *PAPIA*. 2017;2(2):293-315.
- Brandão S, Mota M, Cunha C. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocábulo. In: Brandão S, Mota M, organizadoras. *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio; 2003. p. 163-180.
- Brandão S, organizadora. *Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher; 2018.
- Brescancini C. A palatalização da fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável [tese]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica; 2002.
- Callou DM. Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1987.
- Callou D, Leite Y, Moraes J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: Abaurre MB, Rodrigues AC. *Gramática do português falado volume VIII: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP; 2002. p. 537-555.
- Callou D, Serra C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*. 2012;14(1/2):41-57.
- Clements G. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: Kingston J, Beckman M, editors. *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press; 1990. p. 283-333.

- Christofoletti A. Ditongos no português de São Tomé e Príncipe [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2013.
- Christofoletti A, Araujo G. Vogais e ditongos no português vernacular de São Tomé e Príncipe. In: Oliveira M, Araujo G, organizadores. O português na África Atlântica. São Paulo: Humanitas/Fapesp; 2018. p. 258-296.
- Couto H. Linguística, ecologia e ecolinguística. São Paulo: Contexto; 2009.
- Godsmith J. Syllable structure. In: Godsmith J. Autosegmental and metrical phonology. Oxford: Basil Blackwell Publishing; 1990. p.103-140.
- Gonçalves R. Propriedade de subcategorização verbal no português de S. Tomé [dissertação]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2010.
- Hora D, Pedrosa J, Cardoso W. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente? Letras de Hoje. 2010;45(1):71-79.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). São Tomé e Príncipe em Números [internet]. 2011. Disponível em: <http://http://www.ine.st/2012.html>.
- Lass R. Phonology: an introduction to basic concepts. Cambridge: Cambridge University Press; 1984.
- Lucchesi D, Baxter A. A transmissão linguística irregular. In: Lucchesi D, Baxter A, Ribeiro I, organizadores. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA; 2009. p. 101-124.
- Mateus MH, D'Andrade E. The phonology of Portuguese. Oxford: Oxford University Press; 2000.
- Mateus M, Rodrigues C. A vibrante em coda no português europeu. In: Freitas T, Mendes A, organizadores. Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Colibri; 2004. p. 289-299.
- McCarthy J. OCP effects: gemination and antigemination. Linguistic Inquiry. 1986;17(2):207-263.
- Miguel MA. As estruturas silábicas e a redução vocálica no português europeu. Revista de Estudos da Linguagem. 2003;11(1):95-118.
- Oliveira MA. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. Revista de Estudos Linguísticos. 1997;6(2):31-58.
- Quednau LR. A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear [dissertação]. Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1993.
- Rennicke I. Variation and change in the rhotics of Brazilian Portuguese [tese]. Helsinque: Universidade de Helsinque; 2015.
- Rodrigues C. Todas as codas são frágeis em português europeu? Revista Linguística. 2012;8(1):138-149.
- Santiago AM, et al. As vogais no Português do Príncipe. In: Hagemeyer T, Oliveira M, Figueiredo C, organizadores. O português na África Atlântica. v. 2. No prelo.
- Schwindt LC. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica lexical. DELTA. 2001;17(2):175-207.
- Selkik E. The syllable. In: Hulst H, Smith N, editors. The structure of phonological representations. Dordrecht: Foris; 1982. p. 337-383.

Silva TC. Trajetórias fonológicas: evolução e complexidade. *Revista Linguística*. 2016;12(esp.):215-229.

Soares VHM. Encontros consonantais em final de palavra no português brasileiro [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2016.

Vieira N, Balduino AM. Apagamento de /R, S, l/ na coda no português de São Tomé: convergência linguística? *PAPIA*. 2020;30(1):7-33.

Wetzels WL. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*. 1997;9(2):203-232.

FLP 22(2)